



O HRT tem capacidade para 440 leitos, mas atualmente só 337 estão recebendo pacientes

Pacientes enfrentam o caos no Hospital de Taguatinga

Um paciente terminal com câncer convivendo com outros doentes há dois meses no pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga é o sintoma mais grave do caos que a rede hospitalar do Distrito Federal continua enfrentando. Somada à falta de condições para receber a população, persiste a falta de medicamentos e materiais essenciais ao bom atendimento, como luvas cirúrgicas e seringas.

O caso mais comovente em todo esse sistema deficitário pode ser dimensionado através do pedreiro Cosme Alves dos Santos, de 54 anos, portador de câncer na garganta, em fase terminal. Ele se encontra há dois meses internado no pronto-socorro. Antes Cosme Alves vivia sozinho em Samambaia e tinha apenas a companhia da amiga Dilza da Conceição, que tem tentado em vão transferi-lo para outras dependências do hospital. Para Dilza da Conceição, é apenas uma questão de humanidade: "Ele não sabe que está desenganado, não posso cuidar dele e acho que todo ser humano tem o direito de morrer com dignidade, principalmente se ele contribuiu com o INPS durante a sua vida inteira", afirma ela.

Sobrecarga

Na opinião do diretor do HRT, Cícero Lima, "os pacientes crônicos em fase terminal têm que ir para casa e receber o apoio da família", mas admite que a situação se complica quando o doente não tem ninguém. O Hospital Regional de Taguatinga apresenta hoje uma sobrecarga de atendimento. Construído inicialmente para atender os habitantes da satélite, ele recebe hoje moradores de Samambaia, Ceilândia e da própria Taguatinga, alcançando uma média de um milhão de atendimentos por mês. O diretor do HRT diz que o hospital tem capacidade de 440 leitos, mas estão sendo utilizados somente 337. Cícero Lima não nega que faltam medicamentos. "O ideal seria também o recebimento de mais materiais, nós recebemos pouco e tentamos trabalhar com esse mínimo", explica.

Os médicos, residentes e funcionários cansados de denunciar as péssimas condições de trabalho não pensam em nova paralisação, segundo um médico que preferiu não se identificar. "A população não entendeu os protestos realizados, apesar de ninguém ter falado na questão salarial. A população

culpa os médicos e não compreende que a Fundação Hospitalar é quem mantém o hospital e as autoridades contribuem para essa imagem na medida em que diz que os médicos não querem trabalhar", desabafa o médico.

Caos

Ontem pela manhã a situação no pronto-socorro do HRT era caótica: com 53 pacientes internados, foram distribuídos apenas cinco lençóis para troca diária e uma camisola. A sala de expurgo, onde são jogadas secreções e materiais contaminados, estava com a pia entupida e sem nenhuma condições de higiene, mas o problema não seria tão grave, se ao lado desta sala não estivessem espalhados nas macas os doentes. As luvas cirúrgicas e seringas, materiais indispensáveis no serviço médico, são inexistentes. Há casos de pacientes que levam esse material ao hospital para que possam ser atendidos.

Os antibióticos básicos para tratamentos estão sendo conseguidos através do intercâmbio com outros hospitais, medicamentos como a quemicetina que têm baixo custo estão em falta no HRT.